AGENTES E ESTRATÉGIAS DE CRESCIMENTO NO MERCADO DE PRODUTOS ORGÂNICOS

AGENTS AND GROWTH STRATEGIES IN THE ORGANIC PRODUCTS MARKET

Wellington Júnior Cheles - wellington_cheles@hotmail.com
Martin Mundo Neto - martin.neto@fatectq.edu.br
Eliane Aguiar Sarro - elianesarro@yahoo.com.br
Beatriz Zandelli - bia_zandelli@hotmail.com
Guilherme Augusto Malagolli - guilherme.malagolli@fatectq.edu.br
Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga (FATEC) – SP – Brasil

RESUMO

Um conjunto de fatores e a ação de representantes de diferentes segmentos da sociedade estariam contribuindo para o crescimento do mercado de produtos orgânicos. Neste trabalho o objetivo foi indicar como este mercado tem se transformado em função da ação de grandes grupos econômicos que passaram a investir neste nicho. Destacam-se também as políticas governamentais destinadas ao aumento do consumo seja atrelando os gastos do governo à aquisição de produtos orgânicos produzidos pela agricultura familiar, mas também fornecendo apoio aos produtores orgânicos que procuram exportar parte de sua produção. A expansão do mercado de orgânicos é resultado do crescente interesse pela produção e consumo saudável de alimentos, mas também do interesse de investimento de representantes do sistema de produção de insumos agrícolas e de alimentos convencionais, aliados a investidores institucionais que exploram os orgânicos cada vez mais na lógica do capitalismo governada pela lucratividade e menos pela consciência da produção sustentável de alimentos.

Palavras-chave: Agricultura orgânica. Certificação. Investimentos sustentáveis.

ABSTRACT

Many factors and actions of representatives from different segments of society are contributing to the market growth of organic products.In this study, the purpose was supportedat this market, and it has become a function of the large economic groups action that are investing in this niche. It also highlights the government policies aimed at increasing the consumption is tying government spending to purchase organic products produced by family farmers, but also providing support to organic producers seeking to export part of its production.The expansion of the organic market is a result of growing interest in the production and healthy eating, but also the investment representatives of the agricultural input production system and conventional foods, combined with institutional investors exploiting organic increasingly on logic of capitalism governed by profitability and less by the awareness of sustainable food production.

Keywords: Organic farming. Certification. Sustainable investments.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO:
CHELES, Wellington Júnior; MUNDO NETO, Martin; SARRO, Eliane Aguiar; ZANDELLI, Beatriz; MALAGOLLI, Guilherme Augusto. Agentes e estratégias de crescimento no mercado de produtos orgânicos. In: **Revista Interface Tecnológica da FATEC Taquaritinga**. p. 106-115, jun. de 2016. ISSN *online* 2447-0864. Disponível em: <www.fatectq.edu.br/Interfacetecnologica>. Acesso em: dia mês e ano.

1 INTRODUÇÃO

A "revolução verde" seria a expressão que sintetiza as transformações na agricultura do século XX, sobretudo sob o enfoque tecnológico que permitiu a ampliação da oferta de gêneros da agricultura em âmbito mundial. Goodman; Sorj; Wilkinson (1987) apresentou esta "revolução" como um processo contínuo de inovações tecnológicas denominado de apropriacionismo, ou seja, um processo no qual a agricultura cada vez mais se tornava dependente da indústria de insumos, máquinas e equipamentos agropecuários.

Grandes grupos econômicos se constituíram desde o século XIX explorando os negócios relacionados ao fornecimento de fertilizantes, sementes, agrotóxicos (atualmente denominado de defensivos agrícolas), antibióticos, assim como, empresas fornecedoras de máquinas agrícolas e instalações agropecuárias que vem dominando estes mercados, em âmbito mundial. Além da dependência em relação aos fornecedores de tecnologias, o padrão ditado por este modelo de agricultura, denominado de convencional, desencadeou, no decorrer do tempo, um conjunto de impactos de natureza ambiental e social. Assim, este modelo vem sendo questionado e sendo responsabilizado por parcela considerável dos problemas ambientais que a sociedade enfrenta atualmente (EHLERS, 1996).

A agricultura orgânica, apesar de, historicamente, ser uma alternativa ao padrão convencional, só ganhou relevância quando o modelo dominante passou a apresentar sinais de esgotamento. Grandes produtores de soja, laranja, café, cana de açúcar e demais culturas ligadas às commodities agrícolas estariam adotando práticas e tecnologias da agricultura orgânica. A agricultura orgânica seria uma alternativa ao padrão convencional seja por aspectos tecnológicos, mas também pelas relações sociais de produção que ela enseja. Ela se diferencia da agricultura convencional no aspecto tecnológico por não incorporar os agroquímicos convencionais e na organização da produção, uma vez que requer uso mais intenso de mão de obra conhecedora das técnicas de produção orgânica. De acordo com Wilkinson (2010), a agricultura orgânica oferece uma perspectiva para a agricultura familiar enquanto estratégia de posicionamento no agronegócio contemporâneo. Segundo Galembeck (2015), 5% dos solos no país estariam destinados à produção orgânica, contribuindo para que o Brasil ocupe uma posição de destaque no cenário mundial. Abramovay (2010)chama atenção para centralidade da agricultura na estratégia de desenvolvimento sustentável.

A expansão do mercado dos produtos orgânicos é resultado da mudança no perfil da demanda por produtos mais saudáveis, produzidos de formas mais sustentáveis, seja em relação ao uso de recursos naturais como humanos. Mas, aqui, procuramos indicar como esta

corrente passou a contar com aliados inesperados, ou melhor, parte daqueles, que até então, operavam na lógica produtiva dominante na agricultura desdobrando-se para o conjunto de produtos fornecidos pela agroindústria de alimentos. Com base no referencial teórico da sociologia econômica e da análise institucional das organizações este estudo procurou apresentar elementos que têm contribuído para a expansão do mercado de produtos orgânicos. Seguindo as sugestões de Bourdieu (2005) para os estudos dos mercados, procuramos identificar as principais fontes de força atuando na expansão do mercado dos produtos orgânicos. Os dados foram coletados junto aos órgãos governamentais que tratam do tema, junto a organizações de representação de interesses de agricultores, junto a empresas certificadoras de produtos e insumos orgânicos e na imprensa de negócios.

2 O ESTADO E A AGRICULTURA ORGÂNICA NO BRASIL

De acordo com Bourdieu (1983; 1996; 2005), o Estado cumpre um papel central na construção dos mercados seja na dimensão econômica, por meio de incentivos e subsídios, seja na dimensão jurídica, por meio de legislação especifica. As organizações de representação de interesses também são fundamentais na estruturação e uniformização das práticas entre aqueles que participam de determinado campo. Os participantes de um campo possuem um conjunto de recursos que lhes garante uma determinada posição nesta estrutura, ao mesmo tempo em que contribuem para conferir-lhe sua estrutura em determinado momento. Para que os mercados de produtos orgânicos pudessem ganhar escala e a ampliação dos participantes não prejudicasse a confiança em relação à qualidade e propriedades dos produtos oferecidos como orgânicos, surgiram as organizações certificadoras, em grande parte fruto da organização dos agricultores, associações, cooperativas e dos órgãos governamentais competentes (GARCIA PARPET, 2012).

No Brasil, a organização deste mercado ficou marcada pela participação de pequenos produtores rurais organizados em associações e cooperativas que lhe permitissem o compartilhamento de técnicas, de certificações e de estratégias de comercialização (AAO, 2015). Porém, atualmente a própria certificação opera na lógica de mercado, dominado por grandes certificadoras com atuação em âmbito internacional (GARCIA PARPET, 2012). De acordo com Vieira (2015) as mudanças na legislação ampliaram as modalidades de certificação, beneficiando a aqueles que não conseguiam obter a certificação por auditoria. Esta mudança estaria ligada a estratégia de incentivar a agricultura familiar a migrar para o padrão orgânico. Um indicador desta política está relacionado ao aumento do número de

produtores orgânicos cadastrados no Sistema Nacional de Produção Orgânica (SisOrg), controlado pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA). A grande inovação na legislação atual está relacionado à criação do SisOrg e as novas possibilidades de ingresso neste mercado. O MAPA credencia agricultores e as certificadoras. Para os agricultores

> A certificação pode ser obtida pela contração de uma Certificadora por Auditoria ou se ligando a um Sistema Participativo de Garantia - SPG, que deverá estar sob certificação de um Organismo Participativo de Avaliação da Qualidade Orgânica – OPAC.
> No caso de contração da Certificadora por Auditoria, o produtor receberá visitas de inspeção inicial e periódicas e manterá obrigações perante o MAPA e a certificadora, com custo a ser estabelecido em contrato. Se o produtor descumprir as normas, a certificadora retira seu certificado e informa ao MAPA. Procure na lista de Entidades Regularizadas as Certificadoras por Auditoria já credenciadas pelo MAPA.
> No caso da certificação por OPAC, o produtor deve participar ativamente do grupo ou núcleo a que estiver ligado, comparecendo a reuniões periódicas e o próprio grupo garante a qualidade orgânica de seus produtos, sendo que todos tomam conta de todos e respondem, juntos, se houver fraude ou qualquer irregularidade que não apontarem e corrigirem. Se o produtor não corrigir, o grupo deve excluí-lo, cancelar o certificado e informar ao MAPA. Procure na lista de Entidades Regularizadas os OPAC já credenciados pelo MAPA.
> Caso o interesse seja apenas pela venda direta ou institucional, os produtores podem formar uma Organização de Controle Social - OCS. (MAPA, 2015)

Atualmente, além da certificação por auditoria há a possibilidade de certificação por sistemas participativos. Há duas formas de sistemas participativos. O primeiro, participando de uma OPAC, garantindo a utilização de um selo de identificação de produto orgânico, instituído pelo MAPA, relativo àcertificação pelo sistema participativo. A outra modalidade é participando de uma Organização de Controle Social (OCS), onde os agricultores se organizam, utilizam praticas agroecológicas e têm a possibilidade de comercializar sua produção nos mercados locais, em feiras ou nos programas governamentais de aquisição da Agricultura Familiar. Porém, na modalidade OCS não é permitido utilizarembalagens com selo de produto orgânico.

No caso dos produtos orgânicos, uma dificuldade é conseguir a certificação. Neste sentido, as disputas por este recurso tomou os contornos atuais apenas recentemente. No Brasil, o Comitê Nacional de Produtos Orgânicos (CNPO) foi instituído em 1994, com participação de representantes de órgão governamentais, como o MAPA, EMBRAPA e representantes de organizações não governamentais, mas a regulamentação da Lei dos produtos orgânicos ocorreu apenas em 2007 (VIEIRA, 2015, p.45-46). Ainda de acordo com a autora, o (SisOrg) passou a operar em 2011 quando os “selos” de identificação de produtos orgânicos, sob a tutela do MAPA, passou a ser obrigatório no território nacional. O MAPA é

responsável pelo cadastramento das certificadoras que operam na lógica de mercado e pelo sistema de certificação SisOrg.

No Brasil, a agricultura orgânica passou a ser apresentada, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) como uma alternativa à agricultura familiar. Uma das críticas ao principal programa de fortalecimento da agricultura familiar (PRONAF) é que ele estaria contribuindo para que a agricultura familiar adotasse o padrão tecnológico convencional, uma vez que o crédito rural estaria sendo utilizado para aquisição de insumos agropecuários, máquinas e instalações do padrão dominante ((KAGEYAMA, 2003); (MUNDO NETO, 2004)).Por outro lado, sobretudo os interesses relacionados às exportações agropecuárias, inclusive de produtos orgânicos, tem sido, historicamente, objeto de políticas do MAPA. As políticas públicas destinadas à agricultura orgânica nos permite perceber ambiguidades do Estado brasileiro, uma vez que para o mesmo objeto, a agricultura, existe dois ministérios. Assim, estas mesmas políticas promovem uma convergência de interesses de atores que ocupam posições opostas no espectro econômico, cultural e político: de um lado agricultores familiares pouco capitalizados, com baixo grau de escolaridade, parcialmente integrados aos mercados procurando na produção orgânica uma alternativa ao modelo convencional, de outro lado, agricultores capitalizados, com maior capital cultural e político, explorando o mercado de orgânicos, sobretudo para exportação.Caporal; Petersen (2012, p.64) criticam o posicionamento histórico dos representantes do Estado que procuram indicar a possibilidade de coexistência entre o modelo de agricultura ligado ao agronegócio dominante, relacionado às grandes cadeias de commodities agroindústrias, e aquele predominante na agricultura familiar. De acordo com os autores, as politicas destinadas à agricultura familiar teriam mais o papel de legitimar a predominância do modelo da agricultura patronal, inclusive em relação às politicas de fundo agroecológico.

Mazzoleni; Nogueira (2006) procurou analisar o perfil do produtor orgânico constatando que entre os agricultores orgânicos certificados por auditoria internacionais e que exploram o mercado externo estão agricultores capitalizados que não seriam classificados como familiares. Grande parte dos agricultores orgânicos cadastrados no SisOrg desde 2011 são agricultores familiares certificados pelo SPG ou pela Venda Direta que não exige certificação. Conforme as informações disponíveis no ministério da agricultura, o número de agricultores orgânicos cadastrados até maio de 2015 era de 10.505 produtores orgânicos CNPO (2015).

3 O MERCADO DE INSUMOS ORGÂNICOS E A PRODUÇÃO EM GRANDE ESCALA

Para que a agricultura orgânica crescer na velocidade atual há uma procura cada vez maior por insumos, fertilizantes e defensivos, que possam ser adotados pelos agricultores orgânicos, mas para isto há a necessidade de aprovação destes insumos pelos certificadores, contribuindo para o desenvolvimento das agências certificadoras.

Um conjunto de matérias primas utilizadas na agricultura convencional para formulação de fertilizantes, estado natural, são aceitos pela agricultura orgânica, notadamente os pós de rochas que concentram os nutrientes necessários ao desenvolvimento das plantas. De acordo com Theodoro; Leonardos (2006, p.722) o uso de técnicas agroecológicas é uma alternativa para construir uma agricultura familiar sustentável, sobretudo o uso de pó de rochas para estruturação dos solos.Se estudos científicos embasam a adoção destas práticas agroecológicas, paralelamente, crescem as oportunidades de negócios relacionados à expansão do mercado de produtos orgânicos. Um conjunto de grandes empresas, que já operava no segmento tradicional de fertilizantes, passou a disponibilizar esses produtos para os agricultores orgânicos, com o selo doSisOrg, mas com certificação por auditoria, a exemplo dasempresas Dow Agrosciences Industrial Ltda e Heringer Fertilizantes SA (IBD, 2015).

Por outro lado, os problemas relacionados a doenças e pragas e o alto custo da produção agropecuária convencional tem levado os agricultores convencionais a procurar os insumos orgânicos, sobretudo para diminuir seus custos de produção. Assim, o mercado de insumos aprovados pela agricultora orgânica passou a ser um negócio que atraiu novos investidores estimulou o crescimento daqueles que já estavam na atividade. Uma empresa que ilustra este processo é o grupo Korin, ligado à igreja Messiânica Mundial que além de liderar o segmento de frangos orgânicos e livres de estimulantes de crescimento e antibióticos passou a oferecer uma linha de fertilizantes orgânicos (KORIN, 2015).

Mas não apenas a escassez de insumos seria um limitante para a rápida expansão da agricultura orgânica. Uma das principais críticas à agricultura orgânica é quanto a sua incapacidade de produzir alimentos em quantidade suficiente para suprir as necessidades da população mundial. Nesta dimensão também existem investimentos em curso, mas o aumento da produtividade do sistema orgânico não pode ser comparadoà produtividade do sistema convencional, já que este último é por natureza insustentável. Por outro lado, a comparação com a produtividade dos sistemas convencionais permite estimar que se a agricultura orgânica

receber investimentos na mesma escala que a agricultura convencional recebeu durante pelo menos um século, certamente haverá um incremento significativo na produtividade do sistema orgânico. Uma experiência que tem pelo menos dois objetivos que pretendem romper com algumas barreiras à produção orgânica, por um lado, demonstrar a sua viabilidade em grande escala e, por outro, desenvolver tecnologias apropriadas à produção orgânica, está sendo desenvolvida na empresa Fazenda da Toca. Trata-se de uma propriedade sob o controle da família Diniz, fundadora da rede Pão de Açúcar, uma área de 2300 hectares destinados à produção de leite, ovos, frutas e grãos (FAZENDA DA TOCA, 2015).

4 OS ORGÂNICOS APRESENTADOS COMO INOVAÇÃO: A ESTRATÉGIA DOS GRANDES INVESTIDORES INSTITUCIONAIS

Outro sinal de expansão do mercado de produtos orgânicos pode ser percebido quando analisamos as estratégias de grande empresas norte americanas, líderes no segmento da indústria de alimentos convencionais, tal qual a empresa Coca-Cola Co., a KelloggCo., e a General Mills Inc. que ingressaram neste mercado por meio de aquisições de empresas líderes no segmento de bebidas, sopas, carnes orgânicas (NASSAUER, 2015). Mais do que se preocupar com os benefícios socioambientais da produção orgânica os grandes investidores pretendem extrair lucro de seus investimentos.

Nos últimos anos, um conjunto particular de investidores ligados à indústria de capital de risco passou a investir em empresas produtoras e comercializadora de produtos orgânicos. Um exemplo é a maior franquia no segmento de produtos orgânicos e naturais da América Latina, a empresa Mundo Verde. Ela foi fundada em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1987, pelos irmãos Jorge Antunes e Isabel Antunes Joffe. Em 2009, a empresa foi adquirida pelo fundo de *privateequityAxxonGroup*, quando tinha 126 unidades franqueadas operando. Em 2014, a empresa foi vendida para o empresário Carlos Wizard Martins, operando com mais de 300 lojas (ABVCAP, 2014). Outro exemplo é a empresa paranaense Rio de Una, criada em 1995, que recebeu investimentos da gestora Axial Par, em 2001, e vem expandindo a produção e sua atuação no mercado nacional (KISS, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da indústria de insumos orgânicos amplia o acesso a recursos que possibilitem a reconversão de agricultores praticantes de sistemas de produção convencionais

para sistemas de produção orgânicos. Por outro lado, a chegada dos grandes grupos econômicos ilustra o "*modus operandi*" do capitalismo, contribuindo para a expansão deste mercado, mas impondo novos desafios ao desenvolvimento da agricultura orgânica e às relações sociais daqueles envolvidos nas suas diferentes redes de produção. O caso da empresa Mundo Verde e da empresa Rio de Una indica como o mercado de orgânicos passa a ser explorado como uma atividade inovadora e então passa a receber investimentos da indústria de capital de risco. Se por um lado os investimentos do capital de risco contribuem para expansão do mercado dos produtos orgânicos, por outro amplia a legitimidade daqueles que pretendem operar no mercado dos orgânicos com a lógica tipicamente capitalista, dos quais os financistas gestores de capital de risco são vanguarda. O Estado tem papel central na institucionalização do Sistema de Produção Orgânica nacional, mas também incentivando este modelo junto aos agricultores familiares e aos agricultores que já conseguem explorar o mercado externo. A expansão do mercado de orgânico é resultado do crescente interesse pela produção e consumo saudável de alimentos, mas também do investimento de representantes do sistema de produção de insumos agrícolas e de alimentos convencionais, aliados a investidores institucionais que exploram os orgânicos cada vez mais na lógica do capitalismo governada pela lucratividade e menos pela consciência da produção sustentável de alimentos.

REFERÊNCIAS

AAO - **Associação da Agricultura Orgânica** (2015). Institucional. Disponível em:<http://aao.org.br/aao/quem-somos.php>. Acesso em 21 mar. 2015.

ABRAMOVAY, Ricardo. Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil?.**Novos estud. - CEBRAP,** São Paulo, n. 87, p. 97-113, jul. 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2015.

ABVCAP (Associação Brasileira de Private Equity e Venture Capital). Disponível em:<http://www.abvcap.com.br/sala-de-imprensa/noticias-imprensa.aspx?id=2826>.Acesso em: 02 set. 2015.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

_____. **Razões Práticas sobre a Teoria da Ação.** Campinas, Papirus, 1996.

_____. O Campo Econômico. **Política & Sociedade**, n. 6, 2005, pp. 15-57.

CAPORAL, F. R.; PETERSEN, P. Agroecologia e Políticas Públicas na América Latina: o caso do Brasil. **Agroecologia 6**, 63-74, 2012.

EHLERS, E. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma.** São Paulo, Livros da Terra, 1996. 178p.

FAZENDA DA TOCA. Disponível em:<http://fazendadatoca.com/>. Acesso em: 01 set. 2015.

GALEMBECK, Flavia. Crescimento Orgânico. **EPOCA Negócios** 08/05/2012. Disponível em:<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2012/05/crescimento-organico.html>. Acesso em: 01 set. 2015.

GARCIA PARPET, Maria-France. Estudo de caso de "mercado auto-regulado": normas voluntárias e qualidade dos produtos da agricultura orgânica. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão,** Araraquara, v. 4, n. 2, jan/jul. 2012. Disponível em:<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/5177/4242>. Acesso em: 20 abr.2013.

GOODMAN, David, SORJ, Bernado. e WILKINSON, John. **From Farming to Biotechnology**.Blackwell, 1987.

IBD (Instituto Biodinâmico). Disponível em:<http://ibd.com.br/pt/ClientesResultadoPesquisaInsumos.aspx?ID_CERTIFICADO=0&PRODUTO=&CLIENTE=&ID_CATEGORIA=0&ID_FINALIDADE=0&pagina=1>. Acesso em: 11 set. 2015.

KAGEYAMA, Ângela. Produtividade e Renda na Agricultura Familiar: efeitos do PRONAF-crédito. **Agricultura em São Paulo**, SP, 50 (2): 1-13, 2003.
KISS, Janice. Rio de Una testa o potencial para orgânicos no Nordeste. **Valor Econômico**, 17/09/2012. Disponível em:<http://www.valor.com.br/empresas/2831690/rio-de-una-testa-o-potencial-para-organicos-no-nordeste>. Acesso em: 11 ago. 2015.

MAPA (2015). **Mistério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Regularização da Produção Orgânica. http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos/regularizacao-producao-organica. Acesso em 26 abr. 2015.

MAZZOLENI, Eduardo Mello; NOGUEIRA, Jorge Madeira. Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor. **Rev. Econ. Sociol. Rural,** Brasília, v. 44, n. 2, p. 263-293, jun. 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032006000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2015.

MUNDO NETO, Martin (2004). Crédito para Agricultura Familiar: um estudo no município de São Carlos. São Carlos: **Dissertação de Mestrado UFSCar**, 2004.

_____ (2012). Transformações na Indústria sucroalcooleira brasileira no inicio doséculo XXI: das famílias aos acionistas. São Carlos: **Tese de Doutorado UFSCar**, março de 2012.

_____ (2013). Indústria de capital de risco no Brasil: a dinâmica do financiamento da inovação tecnológica no inicio do século 21. XVI **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA** – SBS 2013 SALVADOR\BA.

NASSAUER, Sarah. Grandes de alimentos e bebidas miram nos orgânicos. **Valor Econômico**, 20/03/2015. Disponível em: <http://www.valor.com.br/impresso/wall-street-journal-americas/grandes-de-alimentos-e-bebidas-miram-os-organicos>. Acesso em: 03 ago. 2015.

SABOURIN, Eric. A Construção social dos mecanismos de qualificação e certificação entre reciprocidade e troca mercantil. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 4, n. 2, jan/jul. 2012. Disponível em:<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/5178/4243>. Acesso em: 20 abr. 2013.

VIEIRA, Camila Benjamim. Os Produtos Orgânicos no Brasil: aspectos econômicos, sociais e políticos. **Monografia de Conclusão de Curso, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara**, mimeo, 2015.

WILKINSON, John. Transformações e perspectivas dos agronegócios brasileiros. **R. Bras. Zootec.,**Viçosa, v. 39, supl. spe, p. 26-34, jul. 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982010001300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2015.